IX. JORGE BERTOLASO STELLA E A EXPERIÊNCIA SEMINAL DE UMA TEOLOGIA PROTESTANTE DAS RELIGIÕES NO BRASIL

Guilherme de Figueiredo Cavalheri

> Clamar que Deus é uma exclusividade dos cristãos é torná-lo muito pequeno e, em verdade, seria uma blasfêmia. Deus é maior do que o Cristianismo e cuida de mais do que apenas dos cristãos. Essa é uma *necessidade*, ainda que pelo simples motivo de que os cristãos entraram muito tardiamente no cenário mundial. Deus está aqui desde antes da criação, e isso é bastante tempo (TUTU, 2012. p. 34)

1. (Im)possibilidades a uma Teologia Protestante das Religiões no Brasil

Certas figuras se destacam historicamente pelo poder de dizerem coisas simples e óbvias. Coisas essas que, a despeito de sua simplicidade, são fundamentais para que novos pontos de vista se abram diante de velhas concepções de mundo, sobre verdades insubjugáveis desde sempre, como quem afirma a plenos pulmões que "as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5.17). A frase do Apóstolo Paulo é pertinente pois quem a declara afirma aos ouvintes que estes ainda vivem nas tais "coisas antigas". São, assim, chamados a perceber que seus olhos estão viciados, incapacitados de enxergar o que já não é mais, e que novas paisagens e cores já estão no horizonte.

A declaração do arcebispo anglicano Desmond Tutu, que serve como epígrafe a este texto, é um exemplo deste imperativo profético em direção ao novo. Apesar da frase ter quase trinta anos e se colocar como um pequeno ponto na longa esteira de reflexões teológicas a respeito da relação entre a fé cristã e as demais tradições religiosas, ela serve como ponto de partida para o que pretendemos tratar neste texto.

As teologias das religiões e do pluralismo religioso percorreram um longo caminho de depuração desde o século XIX, quando o movimento missionário protestante, influenciado pela Teologia Liberal, encarou os desafios do diálogo e da relação intercultural entre a fé cristã e o colorido tecido das culturas religiosas da África e Ásia. No campo católico, foi a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) que importantes esforços de reflexão despontaram. Todos estes desdobramentos de discussões já iniciadas no também jovem movimento ecumênico mundial (RIBEIRO, 2012. p. 9-10).

Mas o que entendemos quanto aos termos "teologia das religiões" e "teologia do pluralismo religioso"? Tomemos aqui duas definições breves e didáticas apresentadas por José Maria Vigil. Podemos definir *teologia das religiões* como um ramo da teologia que toma as religiões como objeto de reflexão, a partir de seu significado, seu sentido no plano de Deus, sua validade como meios de salvação e suas inter-relações, pontos comuns e especificidades. Por sua vez, *teologia do pluralismo religioso* pode ser entendida como sinônimo da anterior, em cuja ênfase contemporânea se dá, justamente, no aspecto de multiplicidade das religiões (2006. p. 60-61). A mudança conceitual também pode ser compreendida pelo prisma da pluralidade não apenas da existência, mas também das múltiplas práticas, pertenças e confissões religiosas entre indivíduos e grupos sociais.

Na América Latina, e mais especificamente no Brasil, o desenvolvimento do campo gravitou em ambiente quase exclusivamente católico. Este dado é sintomático. O protestantismo de missão, tal como se inseriu em solo brasileiro a partir do século XIX, se manteve relativamente distante do universo de preocupações que agitou os círculos protestantes europeus no decorrer do século seguinte.

A razão para isso em muito se deve à matriz deste protestantismo: imbuído do ideal civilizatório estadunidense, de orientação teológica conservadora/fundamentalista, e de identidade cultural "refratária". Assim, havia pouquíssimo espaço para preocupações a respeito de outras manifestações religiosas, a menos que por trás destas estivesse

algum interesse conversionista. No período, trabalhos missionários de diferentes denominações buscavam se consolidar, a despeito de suas divergências doutrinárias, com alguma cooperação, especialmente em razão de seu agressivo teor anticatólico (GONÇALVES, 2018, p. 275-277).

Alonso Gonçalves sintetiza a questão da seguinte forma:

> A nossa primeira hipótese para uma quase ausência de uma teologia das religiões no contexto latino-americano ocorre por conta da preocupação ecumênica de setores progressistas do protestantismo latino-americano. O protestantismo de "rosto" ecumênico buscou a unidade diante do divisionismo herdado dos missionários estadunidenses e isso ocupou personagens importantes, engajados na tarefa ecumênica e de pensamento teológico arejado, o que os levou a não se debruçar com maior rigor sobre o tema da teologia das religiões e, como consequência, sobre o diálogo inter-religioso (*ibidem*, p.278).

De fato, os setores progressistas do protestantismo latino-americano, também do brasileiro, se engajaram em uma tarefa árdua de superação de seus próprios paradigmas. Uma tarefa que certamente se dificultou em razão do contexto político ditatorial que se insurge no período. Os primeiros passos rumo à superação deste tipo de "isolacionismo" institucional e doutrinário no protestantismo da América Latina se deu ainda nas primeiras décadas do século XX, por meio de esforços como a Conferência do Panamá, em 1916.

O centro das preocupações do congresso eram as questões educacionais, a partir de uma ideia de cooperação *interdenominacional*. Uma das figuras centrais destes esforços foi um dos mais importantes pioneiros do movimento ecumênico no Brasil, o pastor presbiteriano Erasmo Braga. Após o Congresso do Panamá, outras medidas semelhantes foram realizadas, como os congressos de Montevideo, em 1925, e Havana, em 1929. Tomando como molde o próprio movimento ecumênico europeu, as igrejas protestantes engajadas nesses con-

gressos deram os primeiros passos para a criação do que, mais tarde, seriam instituições de apoio e cooperação, como o *Conselho Latino-Americano de Igrejas* (CLAI) (BRAKEMEIER, 2004. p. 58-63).

Como vimos, até a primeira metade do século, a maior parte dos esforços das igrejas protestantes na América Latina foi o de superação de características de sua própria história: competitividade e isolacionismo. O movimento ecumênico foi fundamental para que essas diferentes igrejas passassem a se enxergar para além das querelas doutrinárias que marcam o tipo de dogmatismo herdado de suas "mães estadunidenses". No Brasil, a questão se acirrou a partir da década de 60 em razão da nova realidade imposta pela ascensão da ditadura civil-militar.

2. Jorge Bertolaso Stella: um Breve Perfil Intelectual

Que espaço, portanto, restaria para discussões a respeito das relações entre a fé cristã e demais expressões religiosas? Alonso Gonçalves nos deixa uma pequena brecha para pensarmos a respeito. O autor afirma que há uma "quase inexistência" de uma teologia das religiões de orientação protestante no período. Contudo, uma figura singular se encontra na fenda desta pedra, neste "quase", como uma interessante exceção ao contexto de lutas internas por integração que o protestantismo latino-americano (e em especial o brasileiro) se inseria. Jorge Bertolaso Stella[70] foi um pastor presbiteriano nascido em 1888 em Abadia, cidade da província de Parma, na Itália. Sua família se mudou para o Brasil quando ainda tinha três anos de idade, se instalando no interior de São Paulo para o trabalho na agricultura. Sua infância e juventude transcorreram no meio rural, onde trabalhou como carroceiro.

70. Os dados biográficos são poucos e não tão precisos, mas podem ser encontrados em: CALVANI, Carlos Eduardo. Protestantismo Liberal, Ecumênico, Revolucionário e Pluralista no Brasil – um Projeto que Ainda não se Extinguiu. *Horizonte*, v. 13, n. 40, p. 1896-1929, out./dez. 2015; MIAZZI, Maria Luísa F. Perfil de Indianista e Glotólogo e sua Inestimável Contribuição à U.S.P.: a "Biblioteca Rev. Jorge Bertolaso Stella". *Língua e Literatura*, v. 5, pp. 275-310, 1976 e OLIVEIRA, André Tadeu de. *Jorge Bertolaso Stella*: o Humanismo

A trajetória intelectual de Stella foi incomum. Foi alfabetizado aos 12 anos de idade por um tio, por meio de uma gramática italiana, o mesmo tio que o encaminharia ao protestantismo. Professou sua fé aos 15 anos de idade na Igreja de Mogi-Mirim, por meio da qual ingressou no Colégio Evangélico, onde estudou inglês, francês, grego, latim e outras disciplinas. Aos 18 anos casou-se Iracema de Barros, professora primária que esteve ao seu lado durante a vida toda. Em 1919, foi ordenado pastor (apenas três anos depois do Congresso do Panamá) em Sorocaba, para mais tarde estar à frente da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, onde pastoreou entre 1933 e 1958. Stella desenvolveu um prolífico trabalho intelectual. Além da teologia, se dedicou aos estudos filológicos e das línguas antigas, como grego, hebraico e o etrusco, além de se tornar o primeiro especialista em sânscrito do país. Autodidata, desenvolveu seus estudos nas horas livres à atividade pastoral. Ao estudo das línguas se soma seu grande apreço pelas religiões antigas, especialmente as orientais.

Stella dedicou grande parte de seus esforços para a tradução e comentário de textos sagrados orientais, como o *Bhagavad Gita*. Foi professor em ginásios e em cursos de teologia. Seu interesse pelas línguas e textos sagrados antigos o levou, naturalmente, ao estudo sistemático das religiões, o que lhe conferiu a cadeira de História das Religiões no antigo Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, além de ter sido ativo colaborador nos departamentos de história e literatura da Universidade de São Paulo, publicando artigos, participando de bancas examinadoras e conferências acadêmicas. Além disso, entre as décadas de 1920 e 1950, escreveu para diversos jornais, especialmente sobre linguística e estudos religiosos, e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Stella faleceu em 1980, com mais de 90 anos de idade.

A obra de Stella é extensa e um estudo sistemático de seus textos, tão diversos, não corresponde aos objetivos de nosso breve ensaio.

---

de um Pastor Protestante. Disponível em: https://www.baciadasalmas.com/jorge-bertolaso-stella-o-humanismo-de-um-pastor-protestante/. Acesso em: 21 de Jun 2019.

Vamos, portanto, destacar alguns elementos de seu trabalho como estudioso das religiões comparadas e os reflexos destes estudos em suas concepções teológicas, afirmações de fé e atuação ministerial. Em primeiro lugar, vale destacar a influência da chamada *Escola Italiana de História das Religiões* na obra de Stella. Esta corrente de análise histórico-comparativa se constituiu em torno da figura de Rafaelle Pettazzoni (1883-1959), professor da Universidade de Roma. Até a década de 1920, os estudos religiosos na Itália se concentravam em modelos quase sempre pautados pelos círculos eclesiásticos católicos, através dos estudos bíblico-teológicos. Um contexto pouco favorável a análises racionais e plurais do fenômeno religioso (GODOY, 2017. p. 150).

Um dos objetivos de Pettazzoni em sua empreitada nos estudos religiosos italianos era o da inauguração de um novo paradigma metodológico. Autores como Max Müller e Sir James G. Frazer entendiam as religiões a partir de diferentes "estágios de desenvolvimento", no qual o cristianismo europeu se colocava no topo da pirâmide civilizacional. As religiões orientais, africanas e da Europa pré-cristã eram objeto de estudo na medida em que a compreensão destas se fazia necessário à empresa civilizatória europeia.

Ao se distanciar de análises essencialistas, eurocêntricas e a-históricas realizadas por filósofos, teólogos e filólogos, o objetivo passou a ser o de se compreender as religiões a partir de uma dinâmica de produção e transformação de seu contexto histórico-cultural, ao mesmo tempo, como artefato e agente desse meio (*ibidem*, p. 150-151). Desse modo, a diversidade religiosa passa a ser, para Pettazzoni e seus alunos, um objeto privilegiado de estudos, como apontam Godoy e Butignol:

> A composição do seu trabalho intelectual se desenvolveu pela experimentação, criando um conceito plural de religião, no qual a diversidade de sistemas religiosos reconhece não só um mesmo grau de dignidade entre eles, como também uma pluralidade de

histórias. Para Pettazzoni, "toda religião é um produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto e, por sua vez, capaz de condicionar o próprio contexto em que opera". Privilegiando o método histórico-comparativo e sua incompatibilidade teológica, como descrito na obra *Il metodo comparativo*, de 1959, ele coloca no centro de sua reflexão a relação entre sagrado e profano (*ibidem*, p. 150-151).

É compreensível o impacto desta perspectiva à teologia e aos estudos bíblicos. A proposta de Pettazzoni era, justamente, descentralizar a tradição judaico-cristã a partir de um olhar "exterior", na perspectiva de outras culturas religiosas. De acordo com Godoy e Butignol,

> Ao investigar e questionar a hegemonia da visão eurocêntrica e cristã em parte dos estudos religiosos, ele nos desafia a repensar os valores do patrimônio cultural ocidental, na forma de uma autocrítica que analisa simultaneamente o "outro" e si mesmo, as "outras culturas" e a própria cultura, ensinando a observar e sobrepujar formas imobilizadas de interpretação e vícios analíticos nos quais predominam visões preconceituosas, intolerantes, excludentes e limitadas sobre a alteridade e a identidade de povos e culturas não-europeus (*ibidem*, p. 160).

Ao que parece, o interesse de Stella pelas religiões orientais (budismo, jainismo e hinduísmo) se ampara em um humanismo que foi fruto de sua relação com os textos de Pettazzoni e seus discípulos. No prefácio de sua *Introdução à História das Religiões*, Stella escreve que "no passado o mundo da religião era a Bíblia; hoje é o da história" (STELLA, 1970, p. 7). Em seguida, afirma de modo contundente que "o historiador não conhece religiões falsas ou verdadeiras, porém somente formas religiosas diversas, das quais a religião se desenvolve" (*ibidem*, p. 7). As duas frases têm como referência obras de Pettazzoni. Há, portanto, logo de início, um claro elemento de deslocamento na obra de Stella: o distanciamento de sua própria confissão religiosa.

O texto de Stella se desenvolve a partir de três eixos. O primeiro trata da apresentação do fenômeno religioso pré-histórico a partir da ideia de uma "universalidade do sentimento religioso", que se expressa nas culturas antigas e cuja origem remonta às primeiras formas culturais dos humanos do período paleolítico. O segundo eixo diz respeito à breve apresentação de algumas teorias da religião, com ênfase especial às teorias sociológicas e da própria escola italiana. Por fim, o terceiro eixo que pode ser identificado no texto de Stella diz respeito ao desenvolvimento histórico do monoteísmo, a partir da análise comparativa entre o monoteísmo israelita e de outros povos. Aqui parece se delinear uma concepção importante no pensamento de Stella, e que se apresenta em outros de seus escritos: a possibilidade de uma revelação plural de Deus nas religiões.

Stella compreendia o monoteísmo a partir de certos estágios de desenvolvimento, partindo do "polidemonismo" (crença na manifestação de seres espirituais adorados em elementos da natureza), ao "politeísmo" (adoração à várias divindades) e o "henoteísmo" (adoração de objetos individualmente, como representações de uma só divindade), à "monolatria" (adoração à divindade única, sem exclusão da presença de outros seres divinos) e, enfim, o "monoteísmo" como adoração e crença exclusiva em uma única divindade. Como exemplo principal, Stella toma o monoteísmo israelita que, ao mesmo tempo em que é *sui generis*, é também fruto da relação profunda entre o antigo Israel e os demais "povos do deserto" (*ibidem*, p. 142-143; 148-149). Stella afirmava ainda que os monoteísmos de povos vizinhos e posteriores no tempo eram fruto de uma relação direta com a crença israelita, a partir da hipótese (sustentada por formulações de Pettazzoni) de que o monoteísmo teria se disseminado a partir da dispersão israelita no pós-exílio, chegando a se inserir em terras iranianas, em um período anterior à reforma de Zaratustra, fato que marcou o surgimento do monoteísmo zoroastrista (*ibidem*, p. 154-155).

Naturalmente, afirmar que todos os monoteísmos bem constituídos na história são produto da religião israelita é, sem dúvida, uma

argumentação inválida em nossos dias. Muitos de seus pressupostos, bem como dos próprios autores em quem se ampara, já foram superados ou submetidos à profunda revisão crítica. Para nosso objetivo, interessa entender como essa relação genética entre as diversas culturas religiosas, sobretudo entre o monoteísmo israelita e as religiões "orientais" (principalmente o zoroastrismo, hinduísmo e budismo) foi fundamental para uma visão bastante particular da revelação divina, destoante do contexto de produção teológica em que viveu.

3. Ideias entre a Historiografia e a Teologia

Em seus escritos teológicos, Stella submete sua compreensão da tradição e doutrinas cristãs às suas formulações como historiador das religiões. Há um itinerário a ser acompanhado aqui, de suas formulações historiográficas a interpretações comparativas e, por fim, aos escritos voltados à igreja. Em *Zoroastro, Buda e Cristo*, Stella se esforça em apresentar os pontos comuns entre estas três figuras centrais às suas religiões. Para isto, escreve que:

> (...) todas as religiões têm muita coisa em comum. Elas possuem um mesmo ideal. Se há diferenças entre elas, há também muitas semelhanças que revelam um propósito elevado: o encontro, aqui e no além com o Ser Supremo. Isso não admira, porque todo o indivíduo possui um mesmo coração, e Deus se manifesta a ele, seja quem for, em qualquer época, por intermédio da sua consciência (1971, p.66).

Na mesma seção da obra, Stella se dedica a apresentar aspectos comuns dos livros sagrados que fundamentam as três religiões comparadas. Um ponto central que une os três textos é, precisamente, seu caráter precário enquanto fontes infalíveis de revelação divina. Contudo, este é um valor positivo, pois evidencia o caráter cultural que perpassa (e unifica) essas religiões. Diante dessa precariedade, o próprio Cristianismo do pastor presbiteriano não deixa de ser alvo de uma séria

reavaliação. Aplicando esta crítica aos textos cristãos, Stella afirma que "o Novo Testamento precisaria de uma reestruturação", que levasse em consideração as tradições orais presentes nos livros apócrifos e heréticos. A afirmação se fundamenta na tese de que nenhum dos concílios da Igreja deveria ser considerado infalível na composição de qualquer cânon (*ibidem*, p.67).

Os pontos comuns entre as religiões analisadas no livro vão além. Modelos de oração como o *pai nosso* encontram correspondências no Islamismo e Zoroastrismo. O Sermão de Monte (Mt 5-7) é comparado com o Sermão de Benares, de Buda, a fim de serem encontradas afinidades entre seus princípios de amor, paz e misericórdia, apesar das diferenças em suas formas de expressão. Além destes pontos, Stella destaca o uso de gêneros discursivos comuns àquelas personalidades religiosas, bem como a semelhança de temas, como o caso das versões da parábola do filho pródigo contadas por Jesus e Buda (*ibidem*, p.80-82).

Em um dos tópicos finais da obra, Stella esclarece algumas percepções pessoais de sua fé à luz do que tratou ao longo do livro. Em razão da transitoriedade e da precariedade das formas culturais, que não permitem qualquer imobilismo na experiência religiosa, o verdadeiro Cristianismo, o "Cristianismo de Cristo", deveria levar mais em consideração suas fontes sagradas que de formulações dogmáticas e tratados teológicos:

> Quando digo Cristianismo, não refiro ao dos nossos tempos, que é um Cristianismo pesado, sobrecarregado de teologia e de doutrinas, mas refiro-me ao Cristianismo do Novo Testamento, e de modo muito particular ao **Cristianismo de Cristo**, como se encontra nos Evangelhos, que, embora não registrem tudo quanto Jesus ensinou, disse e praticou (João 20:30, 31; 21:25, Atos 1:1), são contudo a parte mais viva, mais espiritual e, podemos dizer, inspirada, não só de todos os livros religiosos do mundo, mas também de toda a Bíblia. O Cristianismo tem características que o revelam como a Religião Universal (*ibidem*, p. 85, destaque do autor).

O texto não disfarça o lugar de onde Stella fala. Como pastor, formado dentro da tradição reformada, suas posturas são audazes; mas, ao mesmo tempo em que abre perspectivas de diálogo entre diferentes tradições religiosas, não se furta em marcar posição quando deixa entrevisto que, à despeito dos pontos comuns existentes, estes manifestam elementos *da religião cristã*. Ou seja, Stella parte do deslocamento cristão e eurocêntrico de seus mentores da Escola Italiana de História das Religiões para recompor sua confessionalidade, não mais a partir das mesmas referências teológicas e tradicionais, mas por meio do aparato crítico que a historiografia e os estudos linguísticos lhe ofereciam.

O universo de relações comuns na história das religiões oferece, para Stella, o meio para que o Cristianismo possa ser, de fato, reavaliado a fim de que retorne a um estado de maior autenticidade. Em um texto de 1972, Stella escreve que "Jesus é a alma da revelação de Deus. Outros profetas e guias espirituais manifestaram-no; porém, nenhum o revelou de uma forma tão humana, tão perfeita, tão própria e necessária para as criaturas como Jesus o revelou" (STELLA, 1972, p.16), ao mesmo tempo em que enfatiza que "todas as religiões gozam de uma inspiração verdadeira. 'Cada uma de suas Bíblias ocupa um lugar em um grau determinado na escala das revelações divinas'. Porém [...] 'o Cristianismo é a forma mais perfeita da piedade'" (*ibidem*, p.24).

Contudo, é em trabalhos finais de sua vida, especialmente naqueles voltados ao público mais amplo da igreja, que encontramos uma verdadeira radicalização de uma já audaciosa, mas apenas sugerida, teologia das religiões. Uma obra pode ser destacada da última década de produção bibliográfica de Stella. De 1976, o livro *Conceitos Religiosos* apresenta o pensamento de Stella de forma mais livre, mesmo que ainda ancorada em seu paradigma cristológico, propondo avanços ainda maiores na reavaliação da fé cristã. Já no prefácio, o pastor apresenta o texto como o resultado do amadurecimento de suas ideias, afirmando que aquele que se propõe ao estudo do campo religioso está sujeito a mudanças de opinião e a "divergência de pensar" (STELLA, 1976, p. 3).

A obra retoma temas tratados em outros livros, como os já citados anteriormente. Se antes a revelação de Deus em Cristo pela Bíblia (ainda que a partir de um "cânon aberto") era o ponto de referência para o pensamento de Stella, em *Conceitos Religiosos* a abertura à revelação se dá a partir de uma revisão crítica do que entendemos por "Bíblia", revisão essa que deveria levar as pessoas a um conceito amplo de "Escritura Sagrada":

> A nova Bíblia não anula as outras Bíblias. Eu digo "outras" porque cada religião possui a sua Bíblia ou norma de sua vida espiritual. Tem, ela, em vista a mesma revelação de Deus, mais transparente, dadas as novas luzes da interpretação e concepção da palavra divina. Cada indivíduo é uma Bíblia. Cada criança que nasce, nasce ela com a Bíblia, que é a sua consciência. [...] A nova Bíblia concebe a Deus, o Universo, o homem, os seres e as coisas como devem ser entendidas nos tempos modernos, conforme o progresso da ciência (*ibidem*, p. 7-8).

Stella amplia aqui tanto seu conceito de "Escritura" quanto sua percepção a respeito da própria Revelação. Os textos religiosos, de modo geral, são vias de acesso a Deus, mas também a própria consciência humana, quando essa manifesta e se ampara no amor e no bem, quando esta se põe em harmonia com a Natureza e seus elementos. "Praticar o bem em toda a esfera é o alvo da nova Bíblia. A nova Bíblia é o espelho da Natureza" (*ibidem*, p.9). A Revelação ocorre na consciência do indivíduo que é tocado pelo bem e por seu contato com o mundo. Aliás, o termo "consciência" atravessa o texto, quase como um paradigma epistemológico. Textos sagrados são, para Stella, como "arquivos de consciência" dos indivíduos no tempo e no espaço. A boa consciência é, pois, inspirada divinamente: "Qual o critério da inspiração? Uma palavra que oriente, um conselho construtivo, uma palestra que faz bem à mente e ao coração, tudo quanto se faz para que concorra para o bem, é inspirado por Deus" (*ibidem*, p. 74).

Mesmo assim, Stella opta pelos textos sagrados cristãos e, mais especificamente, pelo Cristo revelado por meio deles. Contudo, não o faz por uma questão de descrédito à manifestação de Deus em outras tradições religiosas, mas pela especificidade do ensino de Cristo que o atraiu e o formou como indivíduo. Cada religião possui, portanto, seu próprio Código Sagrado, que é interpretado por seus adeptos como "palavra inspirada". Stella conscientemente opta pela Bíblia, por esta apresentar Cristo, considerado por ele como revelação sublime de Deus a si e ao mundo (*ibidem*, p.74).

Não devemos nos esquecer de que Stella possui uma concepção particular do que venha a ser essa "Bíblia" que toma como paradigma de sua fé pessoal, já que "a Bíblia evolue [*sic*], não é um fóssil, acompanha as novas luzes da consciência e da razão" (*ibidem*, p.74). Para ele a Bíblia dos textos canônicos, documento de fundamentação dogmática, a Bíblia mal compreendida e mal utilizada na história do Cristianismo, esta deveria ser reconsiderada, levando-se em conta a centralidade de Cristo para a leitura da Escritura. Separamos aqui um último e belo trecho de sua obra, que parece sintetizar sua percepção da fé cristã e sua relação com outras religiões:

> Eu comparo o Novo Testamento a uma grande árvore, à célebre árvore mística "açvattha" dos hindus, cujas raízes se prendem ao céu e os ramos se estendem à terra produzindo encantador efeito. A árvore com raízes abundantes mergulhadas no solo do qual tira a seiva, vida da planta tronco firme, no qual se apoiam os retos, tortos e abundantes ramos; folhas largas e preciosas pela sombra e pelo valor medicinal, símbolo da proteção do Senhor; flores que embelezam e perfumam o ambiente, atraindo as abelhas para fabricarem o mel; frutos nutritivos para a vida, razão de ser da árvore. Tudo isto, repetimos, está no Novo Testamento: as raízes de Deus, tronco a presença do Senhor, ramos a revelação em diversas manifestações, folhas nas religiões várias, flores na inspiração contínua, os frutos na presença de Deus em todas as religiões (*ibidem*, p.75).

Considerações Finais

Jorge Bertolaso Stella, contrariando certo senso comum que atribui à idade os arroubos de conservadorismo, se tornou mais ousado em sua percepção do fenômeno religioso com o passar dos anos, fato que marcou sua maneira de pensar a própria fé. Seria, talvez, um anacronismo atribuir ao pastor ítalo-brasileiro o título de "pioneiro da teologia das religiões" no país, pois ao que parece, seu interesse primário era historiográfico e linguístico. De qualquer modo, Stella "fez teologia", ainda que por caminhos incomuns, e em seus escritos estavam embrionadas ideias que despontariam na obra de figuras como Jürgen Moltmann e John Hick, anos mais tarde e em um ambiente de produção teológica distante e diverso, mas que certamente foi impactado pelas provocações de teóricos que também ajudaram Stella a expandir seus horizontes religiosos.

Hoje, as ideias de Stella podem ser consideradas superadas ou antiquadas, se comparadas ao caminho já percorrido pela Teologia das Religiões aqui e no mundo. Contudo, o resgate de sua vida e obra deve ser compreendido como parte de um projeto de protestantismo que ainda está por acontecer no Brasil. Stella, como descrito na fala de Desmond Tutu, compreendeu a *necessidade* de se alargar a compreensão a respeito da fé, por meio do diálogo e da atenção à outras tradições religiosas. Este é um exercício que deve ser retomado pelo presbiterianismo no Brasil, e a figura de Stella é um verdadeiro paradigma para que este objetivo seja alcançado.

REFERÊNCIAS

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz*: um Curso de Ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo Liberal, Ecumênico, Revolucionário e Pluralista no Brasil – um Projeto que Ainda não se Extinguiu. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 1896-1929, out./dez. 2015.

GODOY, João Miguel Teixeira; BUTIGNOL, Fernando César. Contribuições da Escola Italiana das Religiões. *Protestantismo em Revista*. v. 43, n. 2, p. 149-168. jul./dez. 2017.

GONÇALVES, Alonso. A Teologia Protestante Latino-Americana diante do Pluralismo Religioso. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira. (Org.). *Teologia Protestante Latino-Americana*: um Debate Ecumênico. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018.

MIAZZI, Maria Luíza F. Perfil de um Indianista e Glotólogo e sua Inestimável Contribuição à U.S.P.: a "Biblioteca Rev. Jorge Bertolaso Stella". *Língua e Literatura*. v. 5, p. 275-310, 1976.

OLIVEIRA, André Tadeu de. *Jorge Bertolaso Stella*: o Humanismo de um Pastor Protestante. Disponível em: https://www.baciadasalmas.com/jorge-bertolaso-stella-o-humanismo-de-um-pastor-protestante/. Acesso em: 21 de Jun 2019.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A Teologia das Religiões em Foco*: um Guia para Visionários. São Paulo: Paulinas, 2012.

STELLA, Jorge Bertolaso. *Introdução à História das Religiões*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1970.

______. *Zoroastro, Buda e Cristo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1971.

______. *Um Só Mundo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1972.

______. *Conceitos Religiosos*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1976.

TUTU, Desmond. *Deus Não é Cristão e Outras Provocações*. Organização de John Allen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*: para uma Releitura Pluralista do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.